



16 favelas e 16 desejos

O Maré de Notícias perguntou a 16 moradores — um de cada favela do conjunto — quais são os seus desejos para 2023. A paz está no topo da lista. **PÁGINA 3**

Moradores enfrentam desafios e insegurança para transitar pela Maré.

PÁGINA 11

Saiba por que no Brasil os pobres pagam mais impostos que os ricos.

PÁGINA 13

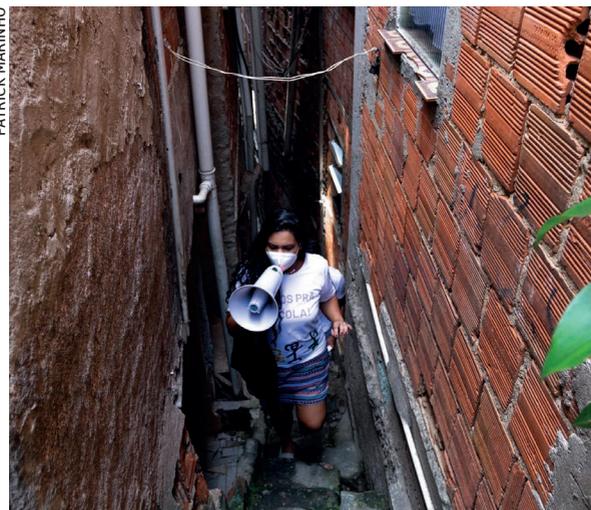
Favela por favela: nova série do Maré de Notícias conta a história de cada comunidade.

PÁGINA 14

É hora de matrícula na escola

Redes da Maré se une às associações de moradores para facilitar a pré-matrícula dos estudantes.

PÁGINA 6



Bronzeado Trans

No mês da visibilidade trans, entrevistamos Vitória Laiza, empreendedora que personalizou o atendimento do biquíni de fita para mulheres trans.

PÁGINA 12

EDITORIAL

Votos para um novo ano em que a paz é o principal desejo de todos. Mas houve algum ano diferente? Esta é a primeira edição do Maré de Notícias de 2023 e o que queríamos era publicar 16 páginas repletas de esperança, bons presságios e boas notícias. Infelizmente (ainda) não foi possível, mas continuamos cumprindo nosso dever de informar, comunicar, denunciar, ajudar – estamos ao lado de moradoras e moradores durante tudo o que ocorre em seu dia a dia. Continuamos acreditando na comunicação comunitária como ponte, como ferramenta. Na visibilidade como um direito que gera outros direitos.

É por isso que fomos ouvir um morador de cada favela do conjunto sobre o que ele espera do novo ano; buscamos respostas para os mais de 20 dias de falta d'água; cobramos sinalização de trânsito no território; entrevistamos uma empreendedora trans e moradora do Marcílio Dias; decidimos, neste ano, contar a história de cada uma das 16 favelas; é por isso que estamos desde já preocupados com as operações policiais de 2023.

Um ano sem Copa do Mundo, sem Jogos Olímpicos, sem eleições, mas com o retorno no carnaval e com muita expectativa sobre o novo governo, na retomada da economia. É o ano em que todos esperamos a melhoria do país e que isso se reflita em todas as pequenas esferas da vida, especialmente dos mais pobres.

CHARGE - NANDO MOTTA



ALÔ MORADOR! ESTE ESPAÇO É SEU. ENVIE SUA POESIA, FOTO, RECEITA OU PIADA.

☎ (21) 97271-9410

maredenoticias@gmail.com

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes **da** **maré**

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Jéssica Pires

EDITORA

Ana Paula Lisboa

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO

João Lins e Silva

Lenny Aquino

Lucas Frederico Brandão

DISTRIBUIDORES

Cristiane dos Santos

Daiane Cardoso

Diego Alves

Jonathan Ribeiro

Pedro de Oliveira

Suellen de Cássia

Vagner Moreira

Valdemir Gomes

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes

Gabi Lino

Matheus Affonso

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Amanda Célio
Andrezza Paulo
Adriana Pavlova
Edu Carvalho
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Jorge Melo
Lucas Feitoza
Rebekah Tinôco
Samara Oliveira

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

**Acompanhe o Maré de Notícias
na internet!**



[@maredenoticiasoficial](https://www.facebook.com/maredenoticiasoficial) www.mareonline.com.br

[@maredenoticias](https://www.instagram.com/maredenoticias) [\(21\) 97271-9410](https://www.whatsapp.com/channel/00299199999999999999)

[@MareNoticias](https://www.twitter.com/MareNoticias) maredenoticias@gmail.com

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

16 favelas e 16 desejos para 2023

O que os moradores da Maré querem do ano que já chegou?

ANDREZZA PAULO

O início de um novo ano traz para todos esperança, expectativa de dias melhores, metas a serem alcançadas e desejo de renovação. O Maré de Notícias perguntou a 16 moradores — um de cada favela do conjunto — quais são os seus desejos para 2023. Embora seja um território diverso, os pedidos por trabalho, educação e saúde estão no topo da lista dos moradores. O maior destaque sem dúvida é o desejo por paz, principal desejo de quem mora aqui.

A seguir, saiba quais foram os outros pedidos.

Nova Holanda

Ana Maria Oliveira, 55 anos: “Quero melhorar minha saúde. Alcançar o peso que necessito para cirurgia na perna e ficar boa. Espero que minhas filhas fiquem bem e não falte emprego para elas.”

Baixa do Sapateiro

Rafael Lima, 34 anos: “Desejo um 2023 de solidariedade, empatia e amor ao próximo. A população da Maré precisa cada vez mais de um futuro melhor e ser potência nas áreas de cultura e esporte.”

Morro do Timbau

Juliana Machado, 30 anos: “Em 2023 quero estudar mais sobre a favela, continuar contribuindo para o desenvolvimento da juventude e que eles consigam alcançar novos voos, pois a favela é potência e tem muito a contribuir para a sociedade.”

Parque Maré

Raniery Soares, 25 anos: “Quero continuar estudando para me graduar em 2024,

pensar nas proezas da vida acadêmica e na formulação de políticas públicas junto aos movimentos sociais.”

Nova Maré

Richelly Ferreira, 24 anos: “Minha meta para 2023 é conseguir uma oportunidade de emprego, para ajudar minhas filhas e dar um futuro melhor para elas.”

Rubens Vaz

Thainá Guedes, 27 anos: “Quero abrir meu próprio negócio na área de alimentação, alcançar estabilidade financeira e viajar mais. Espero que a violência diminua na Maré e que haja mais atividades para as crianças.”

Roquete Pinto

Francisca Medeiros, 66 anos: “Meu objetivo é concluir a obra que comecei e reformar a minha casa. Quero paz, saúde e união na família.”

Bento Ribeiro Dantas

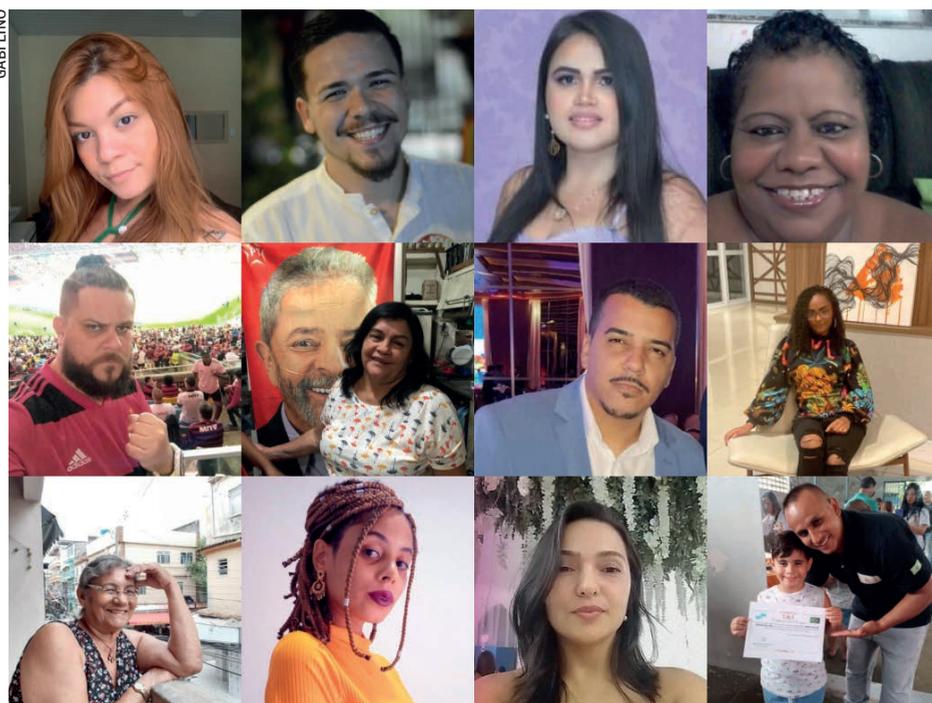
Rafael Barbosa, 35 anos: “Desejo retomar minhas atividades como músico. Minha maior meta, porém, é na minha vida profissional: ser promovido para dar à minha família mais qualidade de vida.”

Praia de Ramos

Juliana Marques, 24 anos: “Desejo ter em 2023 um bom emprego, me realizar profissionalmente, quero concluir meu curso de inglês, e espero que os moradores tenham um ano melhor, com mais expectativa de vida na comunidade.”

Vila do João

Elaine Lopes, 43 anos: “Pre-tendo me posicionar como comunicadora popular, encontrar meu espaço e me destacar



Trabalho, educação, saúde e paz são os maiores desejos dos moradores da Maré para o novo ano

no jornalismo. Recentemente me tornei parceira na Defensoria Pública e quero trazer mais defensores para a Maré, além de atuar na área de direitos humanos e desenvolver bons projetos para a comunidade.”

Salsa e Merengue

Ana Maria Camilo, 26 anos: “A minha meta para 2023 é cuidar mais da minha saúde física e mental. Tentar ficar mais próxima da natureza, apesar de ser um grande desafio para nós favelados que sofremos com o racismo ambiental e nos encontramos cada vez mais distantes dos locais verdes e arborizados.”

Marcílio Dias

Anderson Vieira, 34 anos: “Em 2023 quero falar inglês, aprender libras e ser embaixador do CAVA, uma marca que tem propósito social, cultural e ambiental. Vender bastante o curso online do Rei das Unhas, implantar o aplicativo Papoom em toda Maré e abrir nova franquia do Carteiro Amigo.”

Conjunto Esperança

Estephany Lopes, 26 anos: “Sou manicure e consegui meu espaço, agora espero me tornar instrutora, dar aulas na área de *nail design* e fazer mais e mais cursos.”

Vila do Pinheiro

Ana Paula Medrado, 27 anos: “Desejo um ano de mais lazer, cuidar mais da saúde física e mental. Quero concluir o MBA na área de Dados na Universidade de São Paulo e sonhar com o retorno que esse conhecimento pode gerar no futuro.”

Conjunto Pinheiros

Jessica Cristina, 33 anos: “Espero conseguir trabalho, esporte para as crianças, ter minha casa e meu próprio negócio.”

Parque União

Josefa Fernandes, 79 anos: “Quero ver as pessoas vivendo em harmonia e paz, se amando mais, se respeitando. Que os governantes tenham sensibilidade e governem pensando no povo que sofre sem perspectiva de vida.”

Operações policiais não devem diminuir em 2023

Últimos meses de 2022 registraram ações das forças de segurança e violações de direitos em favelas da Maré

EDU CARVALHO

“Paz” é o desejo presente em quase todas as listas de anseios dos moradores da Maré para o ano que se inicia. E esse é um pedido antigo e recorrente: só em 2022, o projeto *De Olho na Maré*, que coleta e sistematiza os dados sobre as violências nos territórios desde 2016, indicou um aumento significativo no número das operações policiais. Apenas nas últimas três (realizadas entre setembro e novembro), foram registradas 17 mortes, refletindo uma tendência na região metropolitana do Rio de Janeiro: alta letalidade.

Em novembro, enquanto muitos brasileiros celebravam a primeira vitória do Brasil na Copa do Mundo do Catar, a Maré foi palco de mais uma operação conjunta das polícias militar e civil; foram muitos os relatos de truculência e de desrespeito aos dispositivos jurídicos da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635 (ADPF 635/2019), conhecida como ADPF das Favelas.

Oito mortes foram registradas ao longo das horas em que a polícia esteve presente no território, atuando principalmente nas favelas da Nova Holanda e do Parque União. Além da operação na Maré, outras duas aconteceram no mesmo período: uma no Morro do Juramento, em Vicente de Carvalho (Zona Norte do Rio) e outra no Morro do Estado, em Niterói.

“É importante chamar a atenção para o fato de que há indícios de execução em quase todas essas mortes. Além disso, como o limite último dos impactos negativos, outras violações de direitos praticadas pelos agentes da segurança pública acontecem durante essas ações, como invasões de domicílios, agressões físicas e verbais e assédio sexual”, diz o geógrafo **Maykon Sardinha**, coordenador do Eixo de Acesso à Justiça e Segurança Pública da Redes da Maré.



Festival de pipas realizado nas ruas da Maré em janeiro de 2022 pelo Eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré

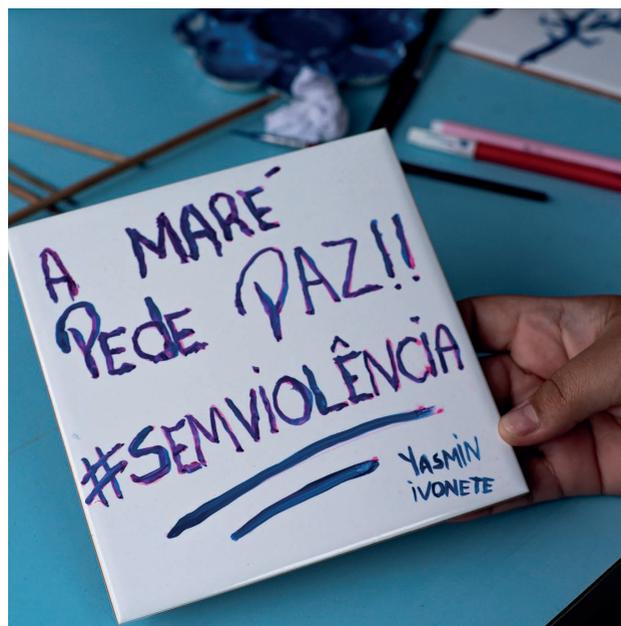
Ele avalia que a tendência pode ser fruto da candidatura e consequente vitória de líderes políticos com forte discurso centrado na segurança pública baseada no enfrentamento armado: “A tendência de aumento é

brecada em 2020, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) dá parecer favorável à ADPF das Favelas, que impõe limites à realização de operações policiais em favelas do Rio de Janeiro, compreendendo a excepcionalidade

Tiroteios em ação/ operação policial na Maré em 2022*

Mês	Tiroteios	Total de Mortos	Total de Feridos	Total de Baleados
Janeiro	2	3	4	7
Fevereiro	3	2	2	4
Março	1	0	0	0
Abril	1	0	0	0
Mai	1	0	0	0
Junho	1	0	3	3
Julho	2	0	0	0
Agosto	2	1	1	2
Setembro	6	7	8	15
Outubro	1	0	0	0
Novembro	6	10	2	12
Total 2022*	26	23	20	43

*Dados até 19/12/2022 - Fonte: Fogo Cruzado



Pintura de azulejos para o Memorial de Vítimas da Violência Armada na Maré

desse tipo de atuação em um contexto de pandemia de covid-19.” Já em 2021, o cenário da pandemia se amenizou e as incursões voltaram a ganhar força.

“É importante ressaltar que os pedidos da ADPF das Favelas são mecanismos que podem, de alguma maneira, contribuir para a redução da letalidade policial e das violações de direitos durante o contexto de operação policial”, explica Maykon. Para ele, recursos como dispositivos de gravação de vídeo em uniformes e viaturas, presença de ambulância e a realização de perícia nos locais de homicídios se tornam cada vez mais necessários para um quadro que, em sua visão, “aponta uma tendência de realização de muitas operações policiais em favelas no ano de 2023”.

Maré tem 8 em 10 baleados

O medo e a apreensão sentidos pelos moradores são hoje analisados e monitorados pela plataforma *Fogo Cruzado*, que produz indicadores sobre violência armada no Brasil.

Em especial para o Maré de Notícias, a plataforma apontou que, somente em 2022, a atuação das polícias no complexo de favelas da Maré foi responsável por 86% das pessoas baleadas na região. Em comparação com 2021, o número de pessoas baleadas nessas circunstâncias aumentou em quatro vezes.

“Esses indicadores, que têm se repetido ano após ano, evidenciam que o Estado privilegia, principalmente nas

ADPF 635

A ADPF das Favelas foi apresentada pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), por ONGs e movimentos sociais de luta e resistência nas favelas e periferias do Rio ao STF com o intuito de observar e analisar as incursões policiais nas comunidades do Rio de Janeiro. Além disso, pediu também o reconhecimento de graves violações de direitos humanos cometidas pelas forças policiais nas favelas, exigindo ainda a implementação de medidas para a redução da letalidade e a garantia de justiça às vítimas.

favelas, a política de confronto e também mostram que os dados sobre violência armada devem ser o ponto de partida para a elaboração de políticas públicas de proteção da população”, explica **Carlos Nhangá**, coordenador regional do Instituto Fogo Cruzado no Rio de Janeiro

Carlos lembra que, recentemente, o governo do estado do Rio de Janeiro enviou ao STF uma versão atualizada do *Plano de Redução de Letalidade Decorrente de Intervenção Policial*: “O documento pontua a adoção de armamentos ‘menos letais’ como uma das soluções para reduzir o número de mortos nas operações, mas é preciso ressaltar que adquirir esse tipo de armamento não necessariamente significa que a política pública de segurança será feita da maneira que a sociedade espera.”

Ainda sobre políticas de segurança menos violentas, Carlos lembra o efeito prático de planos pautados não em número de mortes, e sim na preservação da vida. “Política pública eficiente é feita a partir de evidências, se baseia em dados e se concentra na preservação da vida. É preciso mudar a lógica da atuação, principalmente nas favelas. O foco no confronto causa impactos recorrentes que fecham escolas, hospitais e comércios, e afetam o tráfego da cidade.”

O que esperar de 2023?

Para o coordenador do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (Geni-UFF), Daniel Hirata, as chacinas no estado do Rio de Janeiro que aconteceram em 2022 são resultado mais de ações e operações policiais

do que de confrontos e disputas entre grupos armados.

“Nos últimos anos, o cenário das operações se tornou ainda mais dramático. Temos três vezes mais operações que terminam em chacinas e três vezes mais mortos. Isso vai de encontro a um fenômeno de estatização das mortes, ou seja, o peso da letalidade policial na contagem dos mortos no Rio de Janeiro vem crescendo ano após ano”, explica.

No acumulado de operações, o governador Cláudio Castro tem três das cinco maiores chacinas da história do Rio em sua gestão — segundo Daniel, essa tendência pode persistir no mandato que se iniciou agora. “Tudo indica que esse fenômeno de aumento da letalidade e das chacinas vai continuar. E é muito sintomático também que a resposta do governo do estado à maior chacina do Rio, a do Jacarezinho, tenha sido uma operação militarizada a partir do programa *Cidade Integrada*.”

Para o especialista, ao se analisar a Maré é possível perceber a possibilidade da continuidade da mesma iniciativa. “Infelizmente, como já aconteceu em outras oportunidades, a Maré parece que continuará sendo não só alvo de incursões violentas das forças da ordem, como possivelmente de ocupações militarizadas. O que é, de fato, um erro do ponto de vista da segurança pública.”

MARÉ DE DIREITOS: SAIBA COMO TER ACESSO AO ATENDIMENTO

Denúncias de violações de direitos podem e devem ser oficialmente denunciadas ao Ministério Público através do WhatsApp: (21) 2215-7003

É hora de matrícula na escola

Maré terá grande mutirão presencial para pré-matricula de novos alunos na rede pública da Prefeitura

ADRIANA PAVLOVA

Você conhece alguma criança ou um adolescente da Maré que não esteja matriculado na escola? De 18 a 23 de janeiro, acontecerá a campanha de mobilização para a matrícula de novos alunos nas escolas municipais da região. Seguindo o calendário de inscrições oficiais, a Redes da Maré se une às associações de moradores locais para facilitar a pré-matricula dos estudantes.

Mães, pais, avós, tios e responsáveis terão internet disponível e orientação para o preenchimento do pedido da vaga que deve ser feito online pelo site www.matricula.rio ou no aplicativo *Rioeduca em Casa*.

Nos seis dias de pré-matricula, nas sedes da Redes da Maré na Nova Holanda e da Vila dos Pinheiros (CIEP Gustavo Capanema) haverá um plantão das 9h às 17h para receber estudantes e seus familiares à procura de vagas da pré-escola até a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Diferentes associações de moradores também estarão de portas abertas para ajudar no processo de matrícula: Baixa do Sapateiro, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Esperança, Marcílio Dias, Nova Holanda, Nova Maré, Parque União, Roquete Pinto e Rubens Vaz.

Cartazes e banners serão espalhados pelas ruas, assim como voluntários vão sair pelo comércio e circular na feira de sábado da Teixeira Ribeiro, na Nova Holanda, para alertar para as datas da matrícula para esse público específico que, por algum motivo, não compareceu às escolas no ano passado.

“É um grande mutirão, com ampla comunicação e participação de voluntários, para ampliar o alcance das famílias e não deixar nenhuma criança ou adolescente fora da escola, num

diálogo direto com a Secretaria Municipal de Educação”, explica **Alessandra Pinheiro**, coordenadora do Eixo de Educação da Redes da Maré.

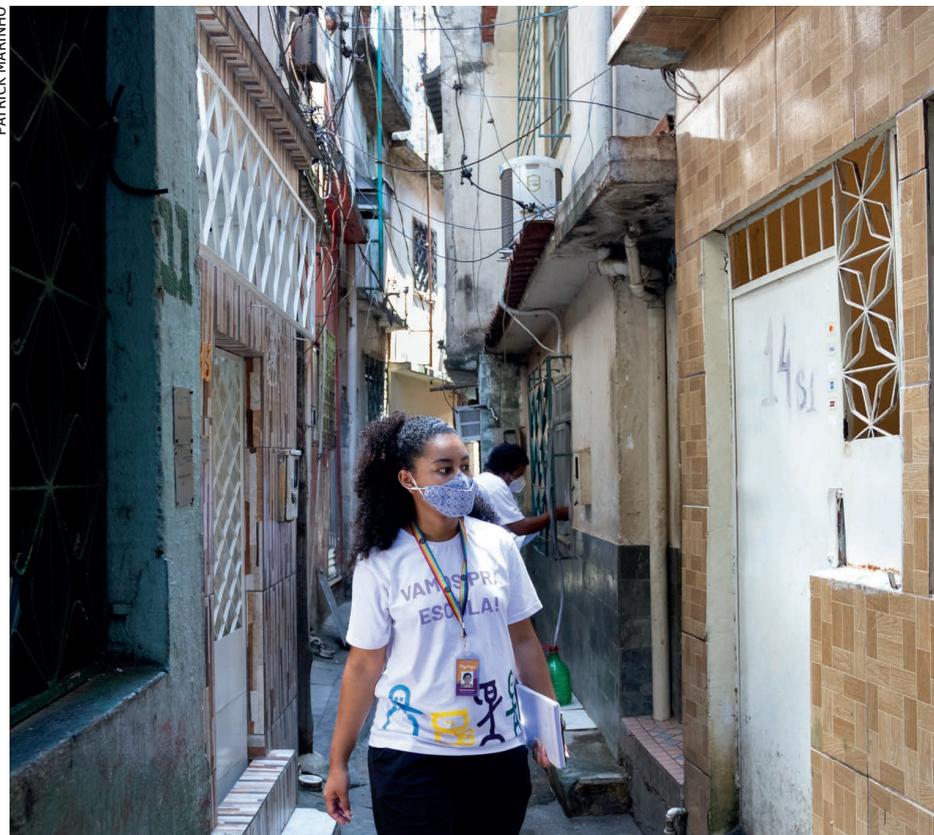
A campanha de matrícula na Maré segue os mesmos moldes da mobilização do ano passado, quando 102 matrículas de novos alunos foram realizadas. Este ano, a expectativa é que o número seja maior, com o aumento dos pontos de atendimento presencial às famílias. Após a pré-matricula realizada on-line, os responsáveis precisam confirmar a vaga indo à escola onde seu filho ou filha vai estudar.

A Associação de Moradores do Parque União, na rua Ari Leão 33/2º andar, é uma das parceiras que já montou esquema especial de plantão. “Nosso computador de trabalho estará à disposição das famílias, porque sabemos que tem muita gente sem internet na Maré e nem telefone. É só vir aqui que a gente ajuda na matrícula tão importante”, diz **Liliane Lopes**, do setor social da AMPU.

Projeto Busca Ativa

A campanha para a matrícula de estudantes na Maré é uma ação do projeto *Busca Ativa* de alunos fora da escola e infrequentes, realizado pela Redes da Maré, com apoio do Fundo Malala no Brasil. Desde janeiro de 2021, uma equipe com seis articuladoras circula pelas 16 comunidades da Maré à procura de estudantes fora das salas de aula. O objetivo é fazer a ponte para que voltem a estudar, buscando vaga por vaga junto às escolas da região, com apoio das redes municipal e estadual de ensino.

As articuladoras identificam os problemas que levaram a criança ou o adolescente a deixar a escola ou até mesmo nunca ter sido matriculado. A partir



Voluntários circulam para alertar para as datas das inscrições nas creches e escolas públicas

daí, tem início um trabalho de articulação territorial para que sejam acionadas redes de apoio locais e equipamentos públicos de educação, saúde e assistência social.

No processo, a articuladora responsável faz o acompanhamento regular dos estudantes, visitando as famílias ou se comunicando com elas por telefone. Em dois anos de trabalho, são 1.447 crianças e adolescentes cadastrados, e 3.331 acompanhamentos. Por outro lado, 98 crianças e adolescentes até

hoje estão fora da escola por falta de vagas. Daí a importância ainda maior do apoio massivo à pré-matricula de alunos novos:

“É o momento crucial para o trabalho do *Busca Ativa* porque é quando efetivamente conseguimos inserir muitos dos alunos fora da escola. É uma grande luta; infelizmente, ainda faltam vagas nas escolas da Maré e as famílias preferem colégios mais próximos de suas casas”, diz **Elza Sousa**, coordenadora do *Busca Ativa*.

PRÉ-MATRÍCULA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

 **18 a 23 de Janeiro**
9h às 17h

Locais: Redes da Maré na Nova Holanda e da Vila do Pinheiro (CIEP Gustavo Capanema)

Associações de Moradores: Baixa do Sapateiro, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Esperança, Marcílio Dias, Nova Holanda, Nova Maré, Parque União, Roquete Pinto e Rubens Vaz.

Maré de Periferias

Maré recebeu a 12ª edição de uma das maiores festas literárias do Brasil

AMANDA CÉLIO, LUCAS FEITOZA, HÉLIO EUCLIDES, E SAMARA OLIVEIRA

A Festa Literária das Periferias (Flup) é um evento internacional cuja principal característica é acontecer em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários, na cidade do Rio de Janeiro. A festa já passou por diversas favelas, pela região portuária e sua 12ª edição desembarcou no Centro de Artes da Maré.

Este ano o evento homenageou o escritor Lima Barreto pelos 100 anos do seu falecimento. Mais uma vez, a festa consagrou-se como um espaço de cultura e lazer, trazendo temas para a reflexão e elaboração de ações construtivas nos territórios. Segundo a organização da Flup, “a literatura pode alterar rotas, a cultura pode mexer com as estruturas sociais, e com isso podemos combater projetos de violência”.

A Flup foi aberta oficialmente com a tradicional revoada de balões e a saudação aos Orixás. Cantigas em culto a Exu, Ogum, Oxum e Iansã foram apresentados por bailarinos ao som do atabaque, conduzidos por lideranças de religiões de matriz africana.

Na sequência, foi lançado o livro *Pai Santana: Orixá do Futebol*, a biografia de Eduardo Santana, massagista do Vasco da Gama por mais de 50 anos. Último livro escrito pelo cofundador da Flup Ecio Salles (vascaíno que morreu em 2019), *Pai Santana: Orixá do Futebol* foi autografado por Roberto Santana, filho do massagista que era reverenciado pelo time cruzmal-tino, falecido em 2011, aos 77 anos.

Violência contra as mulheres

Parte da programação aconteceu no Museu de Arte do Rio, com o *Dia da Escuta*. O resultado das oficinas e da roda de conversas foi apresentado no segundo dia da festa, com a abertura da exposição *Escutatórias afetivas por um Museu da Sororidade*, e uma mesa de debate, cujas participantes revelaram sair fortalecidas com a escuta.

Lourdes Maria, professora de escola pública por 40 anos, destacou que uma das motivações para a realização da ofi-



As escritoras Conceição Evaristo e Yanick Lahens e a mediadora Angélica Ferrarez, na mesa “Quando escrita de si traduz o mundo”

cina foi o trabalho com a autoestima feminina. Já para a professora de sociologia **Ana Carla Rosa** foi muito importante pensar no que fazer com as falas das mulheres: “Percebemos um papel social nas oficinas e sentimento. Ninguém chega pronta para falar, mas o que pensamos tem eco, não estamos sozinhas. A oficina foi algo significativo.”

Quilombo do Lima

Uma das mesas de maior destaque teve como tema *Cemitério dos vivos: Variações sobre a necropolítica*, e contou com a participação dos escritores **Jessé Andarilho** e Geovani Martins, e a mediação da economista e pesquisadora Thais Custódio.

Jessé lembrou que o Brasil ainda é uma ideia distante, que precisa ser colocada em prática: “A gente vive até hoje num país que foi construído imageticamente por muito pouca gente. Na verdade, você está falando de uma elite cultural que pauta isso tudo.”

Slam Colegial

Uma das características da Flup é a realização das chamadas *poetry slams*, competições nacionais e internacionais de poesia falada, com a participação de um júri popular e onde autores decla-

ram textos autorais de até três minutos.

O Slam Colegial é a competição de entre alunos do ensino médio de escolas públicas, objetivando a formação e divulgação da poesia falada. Os jovens que se inscreveram passaram por uma oficina preparatória de dois meses. O campeonato contou com representantes da Escola

Bahia, do CIEP Professor César Pernetta, da Escola Municipal Tenente General Napion, do Conselho Jovem da ONG Luta pela Paz e do Preparatório Redes da Maré. Esta edição do Slam Colegial consagrou como campeã **Stacy Ferreira**, de 19 anos, representante da ONG Luta Pela Paz. Stacy era estreante no mundo slam: “É algo surreal porque eu nunca tinha mostrado meu trabalho para ninguém. E só de fazer isso eu já me sentiria super vencedora mostrando algo que é meu, pela primeira vez. Estrear como campeã é super inexplicável.”

O último dia foi dedicado ao escritor Lima Barreto, nas mesas *Quilombo do Lima*. A última, antes do encerramento da Flup (*Combinamos de não morrer*) contou com a participação da deputada estadual Renata Souza (PSOL/RJ), da assistente social Fernanda Viana e da jornalista Anielle Franco, que lançou seu livro *Minha irmã e eu: diários, memórias e conversas sobre Marielle*.

Pelo direito à água

Moradores de diversas comunidades ficam de torneiras secas por mais de 20 dias

JESSICA PIRES

Em qual parte da cidade seria normal faltar água por mais de vinte dias? A resposta deveria ser “nenhuma”, mas o problema afligiu os moradores da Maré, sobretudo aqueles das favelas Parque União, Nova Holanda e Rubens Vaz. As torneiras secaram no dia 25 de novembro, quando a empresa responsável pela distribuição de água na cidade, a Águas do Rio, interrompeu o fornecimento no município e em regiões próximas para a realização da manutenção anual do Sistema Guandu.

A distribuição em todo o Rio de Janeiro seguiu irregular em alguns pontos da cidade depois do prazo de 72 horas dado pela concessionária para a normalização do abastecimento — a Maré foi um deles. Em 2 de dezembro, a Águas do Rio informou que a causa da demora seria um reparo emergencial na pista lateral da Avenida Brasil, sentido Centro.

Porém, mesmo depois do concluída a obra, os moradores da região continuaram sem água. No dia 8 de dezembro, a empresa iniciou outro grande reparo na Rua 29 de Julho, no Parque Maré, por conta do rompimento de uma subadutora, o que gerou a interrupção geral do fornecimento de água — inclusive em áreas fora do território.

Essa segunda obra emergencial foi concluída no dia 12, e o prazo para regularização do abastecimento foi novamente de 72 horas. Até o dia do fechamento desta edição, ainda havia moradores sem

água no Parque União, área onde vazamentos foram identificados — o mesmo quadro se repetia na Baixa do Sapateiro e no Morro do Timbau.

Dona Vanise, de 54 anos, contou que nunca tinha ficado tanto tempo sem água. A moradora da Nova Holanda sofre de dores no ombro e não conseguia levar água até o terceiro andar de sua casa. O mesmo problema é enfrentado por **Tabata dos Santos**, de 22 anos, moradora do Parque União. Ela relata as dificuldades de idosos, gestantes e pessoas que têm crianças em casa — como é o caso dela, mãe de duas meninas pequenas:

“A gente não tinha problema nenhum com água, e a cada dia se tem uma informação diferente.”

Para ela, o pior de tudo são os novos gastos gerados: “Tem muitas mães que não têm condições de comprar água. Estamos fervendo água pra beber, e se o gás acaba?” A moradora chama atenção também para os desafios dos pequenos empreendedores locais: “Muita gente não está conseguindo vender suas quentinhas porque continua sem água para fazer a comida”

Edson Vander é morador do Parque União desde que nasceu, e conta que nos seus 55 anos o máximo que havia ficado sem água foi dois dias. “Isso aqui está parecendo a época que foi fundado o Parque União, quando a gente tinha que buscar água do outro lado da Avenida Brasil. É triste ver isso dentro da nossa comunidade”, lamenta.



A Águas do Rio disponibilizou 30 caminhões-pipa, mas a quantidade não atendeu à demanda

Poucos caminhões-pipa para a demanda

Procurada, a Águas do Rio informou que no dia 22 de dezembro o abastecimento de água na Maré voltou à normalidade depois de terminado o reparo na subadutora, concluído no dia 12. Segundo a concessionária, “as equipes continuam atuando para identificar outros vazamentos de pequeno e médio portes, em trechos pontuais, com a finalidade de melhorar a qualidade do abastecimento na região. Durante a realização destes serviços, a Águas do Rio alerta que ainda podem ocorrer interrupções

temporárias nessas localidades”.

Para “amenizar os transtornos”, a empresa diz que “foram disponibilizados gratuitamente 30 caminhões-pipa com capacidade de 20 mil litros cada, e mais oito caixas d’água com capacidade para dez mil litros, para atendimento emergencial da população”.

Vanise, porém, discorda da empresa das medidas tomadas para “amenizar os transtornos”; segundo a moradora, o carro-pipa fornecido pela empresa só chegava até a rua principal da favela, gerando longas filas para conseguir água: “É mui-



VITÓRIA CORRÊA

Moradores da Nova Holanda fazem fila com baldes à noite para ter acesso à água, em mais de 20 dias sem abastecimento. A gente, a população é grande, tinha que ser um carro-pipa mais próximo aqui da rua Bittencourt Sampaio. Ontem não tinha condições aqui, as pessoas cansadas do trabalho da semana e a fila indo lá na padaria”, reclama.

Direito vira luxo

Desde 2010, o acesso à água limpa e segura e ao saneamento constitui um direito humano apontado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como essencial. Em 1997, foi criada a chamada Lei das Águas (Lei 9.433/97), que define as regras para a manutenção e distribuição da água no território brasileiro, estruturando a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH).

Essa política tem como principal objetivo garantir o acesso à água a todos os cidadãos do país. De acordo com dados da própria ONU, calcula-se que uma pessoa precisa de pelo menos 110 litros de água por dia para atender às suas necessidades básicas.

Para a coordenadora do eixo Direitos Urbanos e Socioambientais da Redes da Maré, **Shyrlei Rosendo**, é importante destacar que a interrupção do abastecimento da água na Maré implica também no acesso a outros serviços públicos, como a saúde e a educação, que acabam não funcionando adequadamente.

Para a pedagoga e pesquisadora, “acreditamos que na Maré o impacto seja maior

porque muitas casas não têm cisternas e o volume das caixas d’água existentes não dão conta de um período longo sem água. Fora isso, temos casos em que a água que sai das torneiras vem de ligações diretas da rede.”

Fim de linha

A falta d’água faz parte da vida de moradores da Maré o ano todo, e isso é fácil de constatar quando se caminha pelas ruas dos territórios. O barulho das bombas hidráulicas, instaladas na frente das residências, é uma constante. Com o aumento no número de casas, a verticalização da favela e um serviço de distribuição ultrapassado, elas são essenciais na rotina dos moradores, acarretando o aumento nas contas de luz.

A situação ainda é pior em favelas que são “fim de linha” do sistema de abastecimento da Maré, como o Salsa e Merengue e Vila dos Pinheiros, e em grau ainda pior, na região próximo ao Parque Ecológico. São moradores que precisam acordar cedo para poder usar a máquina de lavar roupa. Durante o dia é perigoso usar a bomba; sem água, ela pode vir a queimar. No verão a situação ainda é pior: com a escassez da água, muitos mareenses dormem mais tarde para conseguir encher os reservatórios das casas.

Sem manutenção

Em 2013, a CEDAE anunciou a atualização da rede de esgoto da região — um projeto que nunca saiu do papel. A rede que hoje abastece os 140 mil moradores da Maré é uma estrutura criada na década de 1980, sem atualização e sem reparos.

Na época, o Maré de Notícias entrou em contato com a assessoria de imprensa da CEDAE. Segundo a então concessionária, aumentar o volume (e consequentemente a pressão) da água de três tubulações que percorrem o Parque União (o que faria com que as localidades de “final de linha” recebessem mais água) poderia levar ao rompimento das manilhas. Desde então, não houve, por parte da empresa concessionária, nenhuma estratégia de modernização no sistema de distribuição de água para a Maré.

As 16 associações de moradores dos territórios e mais as organizações que atuam na região da Maré seguem monitorando a falta d’água e buscando o diálogo para que o morador possa ter seus direitos garantidos.

CANAIS IMPORTANTES

- **Ouvidoria da Defensoria Pública:** 0800 282 2279 - De segunda a sexta, das 8h às 18h
- **Aplicativo Defensoria RJ**
- **Águas do Rio (telefone e WhatsApp):** 0800 195 0 195 - Ponto fixo de atendimento: Rua Teixeira Ribeiro, s/n.

Os moradores podem solicitar serviços como ligações novas, tarifa social, atualização cadastral, instalação de medidores, reclamações de falta d’água, indicações de vazamentos de água etc.

Crise da Água

A falta d'água faz parte da vida dos moradores da Maré o ano inteiro, mas o fim de 2022 trouxe desafios maiores, com mais de 20 dias corridos sem abastecimento. Fotos por Vitória Corrêa.



Desafios e insegurança para transitar pela Maré

Por conta do desordenamento urbano, moradores do conjunto de favelas vivem em alerta por causa de acidentes

SAMARA OLIVEIRA

“Os veículos de maior porte serão sempre responsáveis pela segurança dos menores, os motorizados pelos não motorizados e, juntos, pela integridade dos pedestres”, assim explica o Código Brasileiro de Trânsito (CTB). No entanto, o conjunto de favelas da Maré mostra um cenário bem diferente. Andando pela Rua Principal (Nova Holanda), pela antiga Rua Catorze (Vila do João) ou qualquer outra via principal das 16 favelas, é comum ver pedestres, ciclistas, motoboys e carros disputando os mesmos espaços. Essa competição (que deveria ser, na verdade, o simples e básico direito de ir e vir em segurança) é provocada pelo desordenamento urbano e facilita a ocorrência de acidentes, muito graves.

A situação fica ainda mais crítica, se levarmos em conta que toda Maré conta apenas com uma única Unidade de Pronto Atendimento (UPA), localizada na Vila do João para o atendimento dos 140 mil moradores dos territórios. De acordo com a Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU-RJ) realizou 39 socorros a pacientes vítimas de acidentes de trânsito na Maré entre janeiro e novembro de 2022: **acidente de trânsito não especificado** (com 22 casos) é a principal ocorrência, seguido de **atropelamento** (12 casos) e **colisões** (5 casos).

Roberta Alves, moradora do Conjunto Pinheiros, está grávida e já se preocupa com o momento em que seu bebê estiver no carrinho. “Complicado o trânsito na favela, os motoristas não respeitam os pedestres. A falta de espaço nas calçadas causa uma com-

petição na rua entre pedestres e motoristas. Os motociclistas raramente dão passagem, sendo assim fico muito tempo esperando para atravessar”, conta. Ela entende que, apesar do grande número de veículos, por sorte todos se entendem: “Parece que há um código, um mundo próprio.”

Mais sinalização

De acordo com a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET-Rio), no início de 2022 foram feitas “intervenções na Maré com implantação de placas e pinturas nas ruas, sinalizando quebra-molas e travessia de pedestres, principalmente no entorno de escolas”. A companhia ressaltou que as melhorias também se deram ao redor das unidades de saúde e da Vila Olímpica.

A companhia afirmou ainda que “na quarta-feira (21/12) ocorreu uma ação de vários órgãos, com a participação inclusive da CET-Rio, promovida pela Secretaria de Ação Comunitária — *Favela com Dignidade* — quando foram feitas novas intervenções”, sem informar quais ruas da Maré foram beneficiadas.

Promessa de ciclovia da Maré

No fim de 2015, as ruas principais da Maré começaram a receber uma pintura para demarcação de ciclofaixas: a promessa era de que a região ganharia uma ciclovia de 18 quilômetros, ligando os territórios à Cidade Universitária e a Bonsucesso.

Passados oito anos, a tinta do asfalto foi lavada pelas chuvas. Além de na lembrança, a promessa ficou em algumas placas de sinalização, bicicletários nas passarelas e um pequeno pedaço de ciclovia, que liga o Morro do Timbau a Vila



A CET-Rio diz ter aumentado a sinalização na Maré, sem indicar quais as ruas beneficiadas dos Pinheiros, embaixo da Linha Amarela (onde as motos dominam o espaço).

O perigo na Maré não é apenas para ciclistas. Com a falta de ordenamento, muitos comerciantes utilizam as calçadas como extensão das suas lojas, empurrando pedestres para as ruas. Na edição número 128 do Maré de Notícias, o morador da Rubens Vaz **Felipe Barcelar**, de 23 anos, já alertava para os problemas de circulação e a falta que faz a inclusão dos ciclistas no planejamento urbano da Maré.

“A gente está em um território periférico e o respeito pela bicicleta e pelo ciclista ainda é muito pouco: desde carros parados sobre a ciclovia a comércio que toma conta da calçada para colocar mercadorias e muitas vezes ocupa até mesmo a rua com cones, ferros e cavaletes”, reclama.

Segundo ele, “a Maré é muito grande, é essencial o uso dos espaços para melhor movimentação. As regiões do centro e da zona sul têm um desenvolvimento maior em mobilidade porque contam com espaço planejado e investimento”.

O QUE FAZER EM CASOS DE ATROPELAMENTO E OUTROS ACIDENTES DE TRÂNSITO

SAMU: 192

UPA Maré: Rua Nove, nº 4880, na Vila João

Hospital Federal de Bonsucesso: Avenida Londres, nº 616

Hospital Municipal Evandro Freire: Estrada do Galeão, 2.920 - Ilha do Governador

Hospital Getúlio Vargas: Avenida Lobo Júnior, 2293 - Penha

Atenção: As clínicas da família e os centros municipais de saúde são unidades de atenção básica e não de pronto atendimento, isso é, não atendem casos de emergência.

Sem dinheiro, Hospital Clementino Fraga Filho paralisa atividades

Corte de verbas atinge unidade na Ilha do Fundão, levando à diminuição de leitos e de pessoal

HÉLIO EUCLIDES E REBEKAH TINÔCO*

Mesmo cedo, quem chega ao Hospital Clementino Fraga Filho (HUCFF, conhecido como Hospital do Fundão) se depara com uma enorme fila que dura quase toda a manhã, elevadores parados, emergência fechada e a sala de observação onde doentes se amontoam para passar a noite em cadeiras de plástico e de rodas. Um cartaz na recepção explica o motivo do cenário de carência e superlotação: redução de profissionais.

Os cortes que atingiram as universidades e institutos federais nos últimos anos foram recorrentes, mas conseguiram, em dezembro, levar o caos às contas das entidades de ensino: com o novo bloqueio de R\$ 244 milhões pelo governo federal, elas ficam impossibilitadas de pagar a luz, funcionários terceirizados, contratos de serviço e até mesmo bolsistas.

“As pessoas responsáveis pelos prontuários e por anotar ordem de chegada não estão trabalhando. Virou uma bagunça, os pacientes e os médicos é que precisam se organizar”, relatou um paciente.

Uma funcionária terceirizada, que preferiu não se identificar, disse que não sabia se ainda era uma funcionária ou se estava trabalhando sob aviso prévio: “Recebemos o último pagamento em novembro. No hospital ninguém sabe o nosso futuro. Está um caos, não estamos indo trabalhar, pois não temos dinheiro para passagem e alimentação.”

O que diz o hospital

Contatada, a assessoria de imprensa do Hospital Clementino Fraga Filho disse que “o hospital é o maior da cidade do Rio de Janeiro em volume, com 800 atendimentos ambulatoriais e, em média, 20 cirurgias,



Corte de verbas e consequente redução de profissionais precariza o atendimento a doentes no HUCFF diariamente. Além disso, há mais de 300 pesquisas em andamento.”

A direção-geral do HUCFF negou que existam registros de pacientes sendo atendidos em local inapropriado. “No auge da pandemia o hospital chegou a ter 310 leitos ativos, devido a verba suplementar do Ministério da Saúde destinada ao combate ao coronavírus.”

A unidade informou que não teve como estender os contratos dos profissionais temporários e, por isso, a unidade reduziu o número de leitos para 186 leitos já em setembro.

**Aluna comunicadora do Programa de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com o Maré de Notícias.*

Bronzeado Trans

No #JaneiroLilás, mês da visibilidade trans, entrevistamos Vitória Laiza, empreendedora que personalizou o atendimento do biquíni de fita para mulheres trans

LUCAS FEITOZA

Vitória Laiza, de 26 anos, nasceu em Minas Gerais e veio para o Rio de Janeiro aos cinco anos; aos 14, saiu de casa por causa de desavenças familiares. Foi quando começou a se entender como travesti. Morou em São Paulo por dez anos, sofreu agressões e, de volta ao Rio, enxergou uma oportunidade de empreender.

Atualmente ela mora em Roquete Pinto, e foi ali que começou a trabalhar nas praias do Piscinão de Ramos, com aplicação de fita e de produtos para bronzeamento. Viu uma oportunidade de se especializar em biquínis de fita para pessoas trans: o negócio deu tão certo que hoje ela percorre as praias da Barra da Tijuca, do Leme e de Copacabana; com sua expertise, consegue faturar em torno de R\$300 a R\$ 400 diariamente.

“A rua fala mais alto, eu queria ver o mundo. Eu vi e quebrei a cara, mas uma das formas de conquistar o respeito na sociedade é por meio do trabalho”, diz ela.

Vitória conta que as mulheres trans se sentem mais acolhidas e confiantes com seu atendimento. Mas ainda há desafios: “Embora não sejam todas, algumas mulheres (cis) ainda são preconceituosas e até se recusam a atender pessoas trans.”

Ela faz parte do Instituto Trans Maré, organização de apoio a pessoas trans e travestis na Maré, e conta que passou a ser respeitada pelo seu trabalho, usando esse reconhecimento para ajudar outras travestis. “É uma escada onde uma puxa a outra. Eu também quero que elas tenham o espaço delas e trabalhem”, diz.

Vitória ressalta que, por falta de dinheiro, muitas pessoas trans não conseguem participar de eventos e projetos de apoio. Segundo ela, ajuda de custo para alimentação e transporte são formas fundamentais de incentivar a participação de pessoas transexuais e travestis. “É importante que mais trans e travestis ocupem espaços, estejam em eventos juntas com outras mulheres e, de modo geral, exerçam seus direitos.”

Travesti e respeito é o nome da campanha que marcou o dia 29 de janeiro como Dia Nacional da Visibilidade Trans e Travesti. Este ano, a ação completa 19 anos: lançada em 2004, seu objetivo é promover o direito à cidadania e pedir respeito para as pessoas transexuais, transgêneros e travestis.



Biquíni de fita para as mulheres trans é símbolo de respeito para Vitória e outras mulheres

Por que os pobres pagam mais impostos do que os ricos no Brasil?

São 92 tributos federais, estaduais e municipais em vigor, além de taxas e contribuições

JORGE MELO

Entre tributaristas e economistas há um consenso de que o sistema tributário brasileiro penaliza os mais pobres e alivia os mais ricos. O Brasil é um dos países que mais cobra impostos no mundo — está em primeiro na América Latina e entre os países em desenvolvimento. Por isso, ao ser confirmado como novo ministro da Fazenda, Fernando Haddad afirmou que sua prioridade é a reforma tributária.

Segundo o economista **William Eid Júnior**, diretor do Centro de Estudos em Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a tributação no Brasil é muito centrada no consumo, respondendo por 43% de todos os tributos.

“Uma pessoa que ganhe R\$ 1.500 ao mês e gaste todo o seu dinheiro em consumo vai desembolsar R\$ 645 em impostos, ou 43% da sua renda. Aquele que ganha R\$ 20 mil e gaste R\$ 5 mil em consumo, vai pagar R\$ 2.150 em impostos, ou 14,33% da sua renda. Então, o pobre, cuja renda é gasta em consumo (a maioria em alimentos), paga proporcionalmente mais impostos”, explica.

Quais impostos são esses?

No Brasil, é tributado até mesmo quem não tem renda. Isso porque existem os impostos embutidos em tudo o que compramos e nos serviços que usamos:

- Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS)
- Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI)
- Sobre Serviços (ISS)
- Imposto de Transmissão de Bens Imóveis (ITBI)
- Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (COFINS)
- Contribuição para o Programa de Integração Social (PIS)
- Imposto Territorial Urbano (IPTU)
- Taxas de Alvará/Licenciamento
- Taxa de Coleta de Lixo

Quando compramos um telefone celular, por exemplo, pagamos **ICMS** ao Estado e **IPI, COFINS e PIS** ao governo federal. O consumidor paga 15% de impostos no feijão; 16% no frango; 33% no iogurte; 28% no leite em pó; 36% na manteiga; 26% no óleo de cozinha e 40% no papel higiênico e no sabão em pó.



Impostos no Brasil são centrados no consumo, respondendo por 43% de todos os tributos

Peso no orçamento

Simone Garcia é um exemplo do impacto dos impostos nos gastos com alimentação e serviços. Divorciada, tem cinco filhos, quatro adultos e uma adolescente — esta vive com ela na Vila dos Pinheiros. Simone está desempregada desde 2020 e faz “bicos” para sobreviver. Conta com o Auxílio Brasil, uma cesta básica que recebe mensalmente e a ajuda do ex-marido. Ela gasta mensalmente de R\$ 600 a R\$ 800 com alimentação. O levantamento do Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT) mostra que os impostos são, em média, 22,5% do preço dos alimentos. Assim, Simone paga entre R\$ 135 e R\$ 176 de impostos sobre os alimentos que consome.

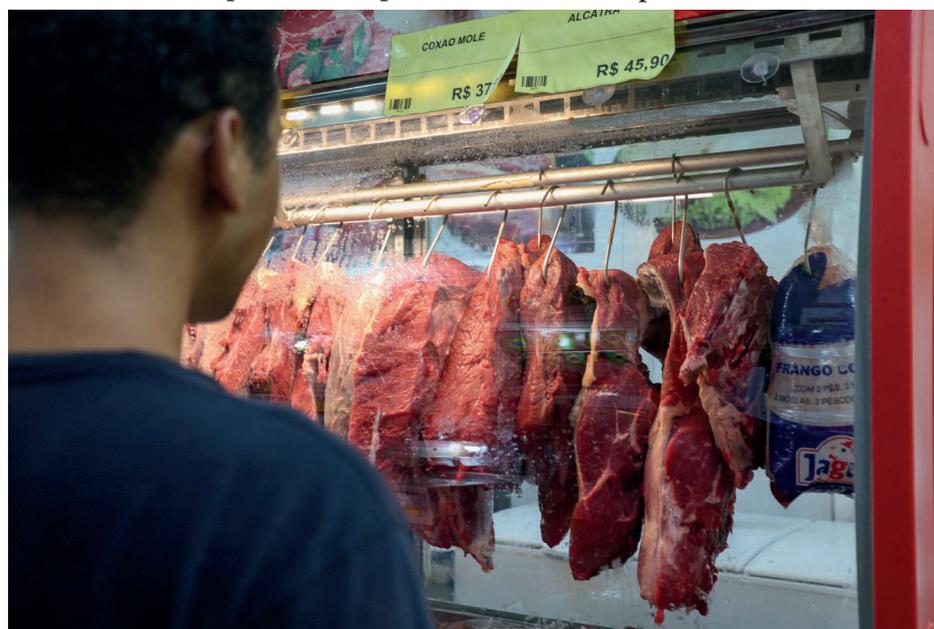
William Eid Junior afirma que a forma como são cobrados os impostos no Brasil gera injustiças: “Outros países tributam menos o consumo e mais a renda. No Brasil, a alíquota máxima de tributação sobre a renda é de 27,5%, enquanto em muitos outros países chegam facilmente a 50%. Dessa forma, quem ganha mais é mais tributado.”

O futuro dos impostos

Tramita atualmente no Congresso Nacional alguns projetos que mudam a composição dos impostos. Uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) prevê a criação de um Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) em substituição ao IPI, PIS e Cofins (federais), ao ICMS estadual e ao ISS municipal. A inspiração é o Imposto sobre Valor Agregado (IVA), adotado em diversos países.

Segundo o economista da FGV, deputados e senadores, em sua maioria, não entendem matérias mais complexas como tributação: “Além disso são todos provincianos, isso é, como a maioria dos congressistas é rica, é de se supor que procurem defender antes de tudo seus interesses pessoais; isso, porém, não deveria acontecer”, conclui.

William Eid Junior é cético com relação à reforma tributária: “A voracidade fiscal do governo é infinita. O governo sempre gasta mais e mal, e sempre quer aumentar imposto. Então é muito provável que, numa reforma tributária, tenhamos aumento de tributação sobre renda e patrimônio, sem redução daquela sobre consumo.”



Tributos são, em média, 22,5% do preço dos alimentos e pesa no orçamento dos brasileiros

Um morro chamado Timbau

A ocupação da Maré começa pela praia e depois, segue para a parte mais alta

HÉLIO EUCLIDES E JORGE MELO

Ex-escravizados, moradores removidos de suas moradias, ex-soldados — foram estas pessoas que subiram o morro da Providência para formar a primeira favela. Quase meio século depois, em um morro no meio de praia e mangues, surge o Conjunto de Favelas da Maré.

O termo “Maré” tem origem num fenômeno natural, que afligia os moradores das palafitas, trazendo sujeira e lama. Talvez por isso, toda a região à margem da Baía de Guanabara caracterizada por vegetação de manguezal e ocupada por pântanos é conhecida como Maré. Ocupada desde meados do século XX, o bairro se formou sobre os manguezais, que foram progressivamente aterrados, quer pela população, quer pelo poder público.

Hoje a Maré é constituída por uma faixa contígua, que se estende do Conjunto Esperança à Praia de Ramos.

Timbau, a sua origem

Oficialmente em 1940 tem início a ocupação do Morro do Timbau, a favela mais antiga da Maré. O nome tem origem do tupi-guarani *thybau*, que quer dizer “entre as águas”, por ser inicialmente uma área seca entre os manguezais e alagadiços à margem da Baía de Guanabara. A ponta ou Morro do Thybau era uma das únicas localidades em terra firme, constituído de rochas.

O livro *Memória e identidade dos moradores do Mor-*

MATHEUS AFFONSO



O Morro do Timbau é a favela mais antiga da Maré e sua ocupação começou em 1940. Uma das primeiras moradoras foi D. Orosina Vieira *ro do Timbau e Parque Proletário*, organizado pelo Núcleo de Memória e Identidade da Maré (NUMIM), retrata o Morro do Timbau como sendo o único terreno sólido em meio ao vasto manguezal da Enseada de Inhaúma.

No processo de formação dessa comunidade, o grupo identificou dois núcleos de ocupação: um deles era o da antiga freguesia de Inhaúma, na parte baixa, a partir da enseada de uma praia de águas claras e limpas, onde ocorria atividade pesqueira e ainda existia um porto onde pequenas embarcações ancoravam e, ao lado, se desenvolvia a atividade econômica de uma pedreira. O outro núcleo era o do Morro do Timbau, com uma nova leva de pessoas que então procuravam área

seca e mais elevada para fixar moradia.

O livro traz vários depoimentos — dentre eles, o de Dona Nicéia Perpétua da Rosa Laurinda, uma das moradoras mais antigas do Morro do Timbau. Ela revela que, no início, não havia morador algum na pedreira, e o que ocorria no local eram explosões para cortar as rochas para o fabrico de paralelepípedos.

A ocupação territorial acabou acontecendo por causa da periferação e da precarização da população pobre no Rio de Janeiro, além da construção da Avenida Brasil. No Núcleo Praia de Inhaúma constitui-se a Favelinha da Praia de Inhaúma ou, como ficou mais conhecida, Favela do Rala Coco.

Segundo a arquiteta e urbanista Lílian Fessler Vaz, no Morro do Timbau a ocupação se deu por meio de D. Orosina Vieira, que teria decidido se estabelecer no local durante um passeio com seu marido pela região: encantada com a paisagem, vislumbrou a possibilidade de construir ali uma casa, livrando-se do fardo de pagar aluguel.

Uma história de resistência e união

Os militares do 1º Batalhão de Carros de Combate, com seu quartel localizado na Avenida Brasil, começaram a observar o aumento veloz de novas construções na região, que já chegava a 3.400 pessoas morando em 623 barracões. Por isso, passaram a controlar o morro

(cujo terreno pertencia à União), determinando quais ruas seriam abertas ou como as casas seriam construídas – nenhuma estrutura permanente (como as de alvenaria, com telhas) poderia ser levantada, sob pena de demolição. Além disso, começou a ser cobrada uma “taxa de ocupação”: era dos militares a decisão de quem podia ou não morar ali.

Já organizados contra o controle considerado abusivo pelos moradores, em 1954 era fundada uma das primeiras associações de moradores de favela do Rio de Janeiro, o que alavancou a luta por melhorias na região, como fornecimento de água e esgotamento sanitário, energia, pavimentação e coleta de lixo.

Ao longo da trajetória é possível observar que as favelas foram definidas através das lutas coletivas, essa é uma marca que acompanha a fundação das favelas de uma maneira geral e, em particular, a Maré. A importância de reconhecer esse fenômeno é que podemos compreender como o movimento de organização e mobilização que criou e sustentou as identidades dos fundadores desses espaços.

Em junho de 1954, efetivamente os militares derrubaram alguns barracos e expulsaram famílias do Morro do Timbau com o objetivo futuro de construir um novo pavilhão ou um conjunto de residências para sargentos. Na época, advogados e políticos apresentaram re-



O morro fundou em 1954 uma das primeiras associações de moradores de favela do Rio de Janeiro, buscando melhorias para a região

cibos emitidos pelo próprio batalhão comprovando o pagamento da taxa mensal de ocupação no valor de Cr\$ 300 (trezentos cruzeiros) — o que fazia dos moradores arrendatários ou mesmo inquilinos.

O processo de “independência” formou lideranças na comunidade: Dona Orosina, Rodrigues, Hélio Borges, Joaquim Agamenon dos Santos, Pedro Justino, Pedro Rufino da Costa, Euclides Nunes. Segundo seu Joaquim Agamenon dos Santos, o Morro do Timbau era a única favela no Brasil com 85%

da sua população ligada à associação de moradores, algo difícil de superar até os dias de hoje. O motivo principal desse apoio era o sentimento de orgulho do lugar em que moravam, uma identidade marcada pela criatividade, pela persistência e pelo senso de solidariedade.

Os moradores atuais reconhecem os esforços dos mais antigos na formação do território. “Acho muito importante esse lugar, que eu sempre considerei uma parte mais tranquila da Maré. Sobre o passado, sei que antigamente era praia e as casas eram palafitas, algo que minha mãe sempre contou. Eu gosto muito de onde eu moro, não trocaria por nada”, conta **Cíntia Souza**, de 43 anos.

Isaac Nunes é o presidente da Associação de Moradores do Morro do Timbau, e fala com orgulho dos seus 37 anos vivido na favela: “O Timbau é minha vida e meu sentimento é de amor. Tenho orgulho de ajudar instituições escolares e moradores desse lugar que formou três gerações da minha família — meus pais, eu e agora, meus filhos.”

Cada favela que forma esse bairro chamado Maré tem sua própria história e diversidade cultural. Em 2023, esta coluna pretende mostrar um pouco de cada uma delas. No nosso próximo encontro a viagem começará no nascimento da Baixa do Sapateiro, em 1947. Até lá!



O nome vem do tupi-guarani *thybau*, quer dizer “entre as águas”. Era uma das poucas áreas secas entre os mangues da Baía de Guanabara

Confira os destaques no site do Maré de Notícias

(<https://mareonline.com.br>)

✓ Maré em Brasília: Anielle Franco será Ministra da Igualdade Racial no governo Lula

A mareense foi anunciada juntamente com outros 16 novos ministros, incluindo a socióloga Nísia Trindade, que assumirá o Ministério da Saúde.

Para ler acesse <http://bit.ly/3VzH8ry> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Moradora da Maré, Kamila Camillo é vencedora do Prêmio Inspirar 2022

Prêmio contemplou lideranças femininas de iniciativas de arte e cultura.

Para ler acesse <http://bit.ly/3Gx8bj0> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Anfiteatro da Mata ganha mutirão para revitalização

A ação acontece neste domingo no Parque Ecológico da Maré.

Para ler acesse <https://bit.ly/3vuXgzU> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Projeto social da Maré trabalha inclusão social através do esporte

A iniciativa Rogi Mirim atua há 25 anos sem patrocínio ou apoio financeiro.

Para ler acesse <http://bit.ly/3YV43QZ> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Maré não aparece em Sistema de Alerta e Alarme para chuvas da Defesa Civil

As famosas chuvas de verão causam alagamentos nas ruas da Maré e nas casas dos moradores.

Para ler acesse <http://bit.ly/3vuzmV3> ou escaneie o código QR ao lado.

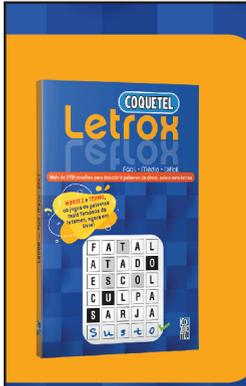


PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Conquistador	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Quociente de Inteligência (sigla)	Q											
Medida de intensidade												
Desocupado; sem ter o que fazer												
A cantora como Naiara Azevedo												
Atrazo; lentidão												
Baralho da cartomante												
Material de cercas (pl.)												
Envelhecer (a pele)												
Sufixo de "cloreto"												
Fabricante de joias												
Corredores atrás de um palco												



Disponível em bancas de jornal e livrarias de todo o Brasil!

www.coquetel.com.br/
 @editoracoquetel
 /coquetel

Solução

S	E	R	O	D	I	L	S	A	B
O	R	I	E	H	V	O	R		
H	L	T	V	O	E				
V	S	C	H	V	G	N	N	E	
L	E	S	E	M	V				
O	N	E	G	H	O	V	A	L	
S	E	R	V	A	N	O	L	R	
S	E	R	V	A	O	M	E	D	
T	E	O	T	E	R	C	V	S	
H	O	T	O	P	N				
O	V	A	C	O	S	O	I	C	O
D	O	E	R	E	P	M	V		
E	T	O	C	V	S	I	D		
O	G	N	E	R	E	H	T	N	M
R									

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410